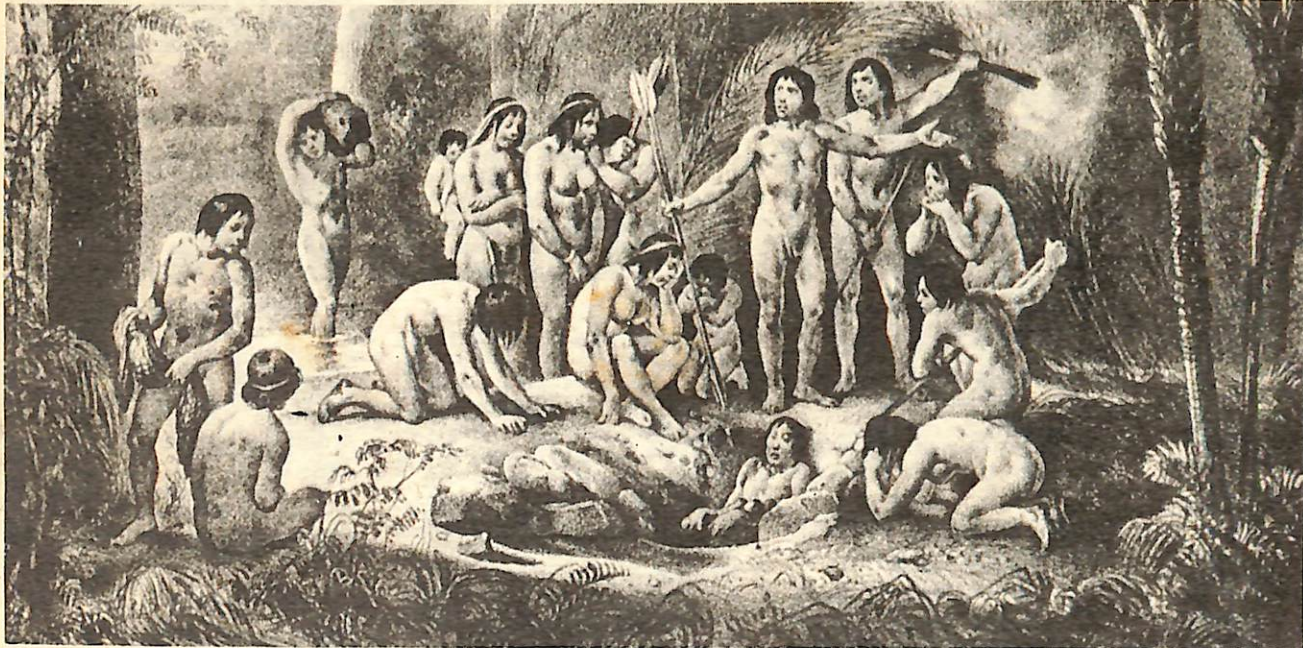


EXCOMUNHÃO PARA OS FUMANTES!



FUNERAL BRASILEIRO

Eles não acabam aí. Como o corpo que se enterra. Sua Santidade afirma que têm alma como os brancos.

Duas bulas papais condenaram a escravização e o morticínio dos índios e reconheceram que eles possuem alma. Batemos palmas à atitude de Sua Santidade Paulo III que enfrenta o poder dos negociantes e capitalistas que conquistam e exploram as terras americanas por intermédio de forças armadas tendo à frente, na maioria das vezes, homens sanguinários, ambiciosos e desprovidos de escrúpulos.

Os brasileiros, também beneficiados com os decretos papais, são, por enquanto, os que menos têm sofrido, não só pela sua aversão à escravidão, como, também, porque os conquistadores e colonizadores daquelas terras não se têm utilizado dos mais condenáveis processos.

Nesta edição de O BRASIL EM JORNAL publicamos, na página 2, detalhado e completo noticiário sobre as capitânicas brasileiras. Os despachos das nossas sucursais e dos correspondentes na Terra de Santa Cruz, dão conta da situação ali reinante de norte a sul.

Três grandes problemas afligem os colonizadores neste momento: o pecaminoso hábito de fumar, adquirido dos índios pelos portugueses; os romances de amor entre europeus e brasileiras e a presença cada vez maior de criminosos degradados.

A ameaça de excomunhão para os fumantes é um dos mais importantes fatos focalizados na completa reportagem da página 2.

ENTREVISTA
EXCLUSIVA:

Inácio de Loyola apoiado pela Igreja



LOIOLA

Um lutador que surge

CELLINI ROUBOU O PAPA

Roma, dezembro, 1538
(Urgente)

Benevenuto Cellini, o famoso cinzelador e escultor, está preso no Castelo de Santo Angelo acusado de ter roubado peças preciosas e valiosíssimas do Tesouro Papal. Em reportagem que enviamos, publicada no último número de O BRASIL EM JORNAL, demos conta da vida desregrada e dissoluta de Cellini, autor de crimes de morte, roubo, sedução, falsificação etc.

Este correspondente apurou junto ao palácio pontifical que o papa Paulo III — que uma vez já salvou da fôrça o prisioneiro — está recebendo os mais dramáticos apelos do cardeal de Ferrara, Francisco I, no sentido de perdoar novamente o genial cinzelador.

Apuramos ainda, em furo de reportagem, que é absolutamente certo que, se Cellini for libertado e perdoado pelo Papa, irá para a Corte francesa a convite do soberano gaulês.

Como prometemos aos nossos leitores, publicamos nesta edição uma completa reportagem sobre o monge Inácio de Loyola, que se encontra em Roma, onde faz pregações e aguarda o beneplácito do papa Paulo III para consolidar seus planos de fundar uma nova organização religiosa, que, segundo apuramos, se chamaria «Companhia de Jesus».

Num esforço do nosso correspondente na Cidade Eterna, conseguimos, inclusive, entrevistar o pregador espanhol que trocou a espada pela Cruz de Cristo. A reportagem sobre Loyola vai publicada na página 6.

PORTUGUESES DERROTAM MONGÓIS

Até mulheres portuguesas pegaram em armas nos recentes combates de Diu, na Índia. Dois grandes comandantes derrotaram os mongóis e os janizários e mamelucos naquela importante praça: Martim Afonso de Sousa, ex-governador do Brasil, e Antônio da Silveira.

Nossos correspondentes de guerra enviaram despachos detalhados sobre a luta que terminou por colocar sob bandeira lusa, à custa de muita bravura e sacrifício, aquele pedaço de terra de que Portugal tanto necessitava para manter a Índia debaixo do seu controle. Leiam a respeito a reportagem publicada na página 6.



M. AFONSO
Mongóis não
resistiram

SENSACIONAIS REVELAÇÕES

Na próxima edição O BRASIL EM JORNAL publicará extraordinária e inédita reportagem fazendo sensacionais revelações sobre a descoberta do Brasil.

Podemos assegurar que essa reportagem estará destinada à maior repercussão internacional.

CARNAVAL ESTÁ NAS RUAS

Desde a antigüidade que todos os povos se entregam a festas ruidosas celebradas em determinados períodos do ano. Foram assim as festas de Isis e do touro Apis, com os egípcios; as célebres bacanais gregas e as saturnais romanas.

Festins, músicas ruidosas danças, licenciosidade extrema constituem a base do chamado Carnaval. A penetração do Carnaval vem sendo tão forte que a própria Igreja não pode impedir a sua realização, limitando-se a tudo fazer para que tal festa não atinja proporções demasiadas. Através dos tempos, Cipriano, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Crisóstomo e vários papas condenaram violentamente os abusos que se praticam nas festas carnavalescas, ou nas suas rivais francesas, como as festas dos Loucos e dos Inocentes.

O Carnaval do século passado foi muito menos dissoluto que o da antigüidade. Em França, Carlos VI chegou a proibir os bailes de máscaras pelos tremendos pecados e crimes que eles encobriam.

No entanto, neste princípio de século a influência italiana contaminou toda a Europa Ocidental e devolveu às ruas e aos salões as grandes mascaradas carnavalescas. As primeiras, principalmente, tomam conta do povo de Paris, de Roma, de Veneza, de Milão etc., muitas vezes em caráter violento, pois os mascarados

lutam uns contra os outros, transformando o Carnaval numa verdadeira batalha de vida e de morte.

Os foliões, neste ano de 1538, nas principais cidades, se mostram muito entusiasmados com os festejos. Reproduzimos uma cena colhida em uma praça popular na qual se trava uma verdadeira batalha com os populares mascarados grotescamente e estabelecendo o que eles mesmos chamam de «combates do Carnaval».

Aç festas se estendem desde

o 25 de Dezembro, atravessam o Ano Novo e vão até o dia da Epifania.

Nos palácios, castelos e grandes residências burguesas têm lugar grandes bailes de máscaras que se prolongam através dos dias e das noites.

É com prazer que O BRASIL EM JORNAL registra nesta quase metade do século XVI uma notável melhora no índice de moralidade das festas carnavalescas da Europa, relativamente aos festejos da antigüidade.



491
12.2633

EXCOMUNHÃO PARA OS FUMANTES!

Roma, 2, junho, 1537 (Urgente)

O papa Paulo III acaba de dar publicidade a uma bula na qual estabelece em definitivo que os índios americanos têm alma e devem ser tratados como seres humanos.

«São homens livres e racionais e podem entrar para o grêmio da Igreja católica», declara Sua Santidade.

A bula, hoje mesmo, alcançou grande repercussão aqui em Roma, onde diplomatas portugueses, espanhóis, franceses e italianos não escondem a certeza de que ela terá um efeito extraordinário na obra de conquista e colonização das novas terras, principalmente Brasil, Peru e México. Já a 28 do mês passado o Papa havia assinado uma outra bula na qual defendia a liberdade dos índios das Américas, condenando taxativamente os que os reduzem à escravidão.

REPERCUSSÃO EM PORTUGAL

Lisboa, 15, julho, 1537 — As últimas bulas papais sobre os índios americanos alcançaram repercussão notável nos meios financeiros e diplomáticos. Os comerciantes e banqueiros que financiam expedições de conquista e pilhagem às novas terras vinham afirmando, para justificar a escravidão e o morticínio dos índios, que esses entes «não possuem almas».

Educadores e religiosos batem palmas às decisões do Papa e afirmam que a escravidão dos donos das terras conquistadas é uma desumanidade.

«Ó, LINDA!»

Olinda, 1537

Esta cidade acaba de ser batizada por Duarte Coelho, donatário de Pernambuco, que lhe deu o nome de «Olinda» por causa de um fato pitoresco. Ela se chamava anteriormente Marim, não passando de vila. Elevada a povoação por D. João III, o primeiro português que nela pôs os pés em companhia do donatário, entusiasmado com sua beleza natural, bradou: — «Ó, linda!» Logo, Duarte Coelho oficializou-lhe o nome.

Mas, embora o capitão não confesse, acreditamos que deve ter influído grandemente nesse batismo, o nome Olinda, de uma suave personagem feminina de certo romance de cavalaria da preferência de Coelho.

EXCOMUNHÃO PARA FUMANTES

Olinda, 1538 (Da sucursal de Pernambuco)

Todos os portugueses e europeus que aqui se encontram, e que adquiriram o hábito nativo de fumar, estão seriamente ameaçados de excomunhão. Essa notícia foi obtida pela reportagem junto às autoridades religiosas desta capitania que, segundo informam, estão decididas a solicitar a medida ao papa Paulo III, devido aos abusos que se estão verificando.

Europeus e índios, com sérios embaraços para o capitão de Pernambuco, começam a mesclar-se. Os primeiros, além de fumar, mascam fumo enrolado. Mesmo durante as solenidades religiosas, é comum ver-se portugueses de pitimbaus — tipo de cachimbo — e charutos à boca.

QUITUTES BRASILEIROS

Pernambuco, 1538, (Da sucursal)

Da. Brites de Albuquerque, mulher do capitão Duarte Coelho, está entusiasmada com duas coisas: seu filho brasileiro agora nascido e os pratos que descobriu aqui. Falando à reportagem fez, a respeito, interessantes declarações.

— Milho e mandioca são admiráveis para o preparo de novos pratos. A mandioca assada no borralho é o que eu e meu marido mais gostamos. E nem se fale na farinha que dela tiramos para fazer excelentes mingaus. O milho se presta à mesma coisa.

A banana da terra, por sua vez, é uma beleza de fruta. Já é costume cada colono ter ao lado da choupana sua bananeira: basta estender a mão para colher a fruta...

E Da. Brites conclui com um sorriso malicioso: — Por isso,

talvez, estamos ficando preguiçosos aqui no Brasil.

Ainda sobre novos pratos, D. Brites que nos falou ao lado do berço do recém-nascido, acrescentou: — Os índios nos ensinaram um quitute que é uma gostosura: olhos tenros de abóbora, guisados. Sem falar na taioba, carás e inhames.

OURO EM PERNAMBUCO

Pernambuco, 1538 (Da sucursal)

Duarte Coelho, capitão donatário de Pernambuco, pretende explorar o interior em busca do ouro que se diz existir. Antes, no entanto, deverá viajar para a Europa no sentido de interessar grupos de capitalistas na exploração do seu grande lote.

Esta capitania progride sob seu governo. Austero, rigoroso e duro, colono que transgride a lei é preso ou expulso de Pernambuco. Por isso, muitos dêle se queixam. Mas, além do rigorismo, a única falta que lhe imputam é a de ter erguido a cidade de Olinda à margem de um rio que, quando enche, alaga-a completamente.

Duarte Coelho assinou em março documento importantíssimo para a história desta capitania e mesmo do Brasil: trata-se do foral da Câmara de Olinda, que deverá ser submetido à sanção real.

O que mais destacamos em seu governo é a industrialização da cana-de-açúcar, com a fundação sistemática de engenhos, alguns já em fase de grande produção.

Ele conta com a amizade da maioria dos índios desta região, dos quais, o chefe Arco Verde é grande amigo do capitão.

CRISE NO ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo, 1538, (Do correspondente)

A situação é péssima nesta povoação. O capitão Vasco Fernandes está sofrendo a oposição de seus auxiliares imediatos Jorge de Meneses e Simão de Castelo Branco.

A principal acusação feita ao capitão é a de facilitar a entrada na capitania, de criminosos foragidos, o que desmoraliza sua autoridade e compromete seus companheiros de governo. Por outro lado êle é muito criticado por ter adquirido o pecaminoso hábito de fumar, ao mesmo tempo em que não agradou a todos a doação que fez a Duarte de Lemos, de uma maravilhosa ilha próxima a esta povoação.

PORTUGUESES E INDIAS...

Pôrto Seguro, 1538 (Urgente)

Um clima de franca hostilidade reina nesta capitania entre os colonos e seu capitão Pero do Campo Tourinho. Tudo se prende ao elemento feminino brasileiro... Tourinho proibiu que seus comandados tenham romances de amor com as índias e a ordem não está sendo obedecida.

Inúmeros casos já surgiram agravando-se a situação com a liderança dos descontentes entregue a maus elementos fichados, egressos das cadeias portuguesas.

A lei está sendo derrotada pelo amor que confunde raças e côres.

ESBULHO EM S. VICENTE

São Vicente, 1538

Um aventureiro de nome Gonçalo Afonso, ao que tudo indica, se prepara para es-

grande quantidade e o número de engenhos aumenta constantemente. Na ilha Pequena, Brás Cubas e sua família estão em fase de grande prosperidade, graças ao produto.

Espera-se este ano uma safra expressiva.

PÉSSIMO CAPITÃO

Ilhéus, 1538, (Do correspondente)

Rumores correntes nesta povoação de S. Jorge (Ilhéus) dão como provável um atentado contra Francisco Romero, lugar-tenente do donatário Jorge Figueiredo Corrêa que se encontra em Portugal.

Romero, a princípio estabeleceu a sede da capitania numa elevação da ilha de Tinharé, mudando-a depois para este local. É acusado pelos colonos de ser egresso das prisões portuguesas e embora ignorante e

tuação gravíssima para os portugueses desta capitania governada por Francisco Pereira Coutinho. Os índios ameaçam cercar Vila Pereira, fundada pelo capitão, e cortar dos seus habitantes todo e qualquer abastecimento de gêneros, caça e água.

Somente a intervenção de Diogo Álvares, amigo dos índios e que com eles vive há muitos anos (notícia na edição anterior de O BRASIL EM JORNAL) — vem conseguindo manter um estado de não-beliçerância. O «Galego», como o chama seu amigo o capitão Coutinho, tem sido de extraordinária valia na obra colonizadora.

Os índios que ameaçam, inclusive, as plantações de algodão em franco progresso, são os chamados Tupinambás.

UM SOLDADO LAVRADOR

Vila da Rainha, 1538, (Do correspondente)

Depois de uma estada em S. Vicente, tomou posse desta capitania de Paraiba do Sul, no ano passado, o capitão Pero de Góis, que aqui chegou juntamente com seu irmão Luís de Góis. Falando ao repórter, êle declarou: — «Com a experiência que adquiri em S. Vicente vou assentar a prosperidade desta capitania na cana-de-açúcar. Depois que fundei esta cidade de Vila da Rainha, percorri palmo a palmo meu lote de terra brasileira. Confesso: estou enfeitado do Brasil.»

Pero de Góis é chamado o soldado-lavrador e goza da estima dos colonos daqui. Afirma-se e, sobre o assunto, êle nada quis declarar, que teria pedido ao rei de Portugal permissão para trazer escravos da Guiné, destinados a trabalhar nos canaviais que vai plantar.

PORTUGUESES EM P. RICO

Pôrto Rico, agosto, 1538

Três caravelas com 45 portugueses, 140 índios escravos e livres e algumas mulheres lusas, aportaram a esta ilha em miserável estado, maltrapilhos, famintos e doentes.

Informaram êles que faziam parte da expedição do capitão Aires da Cunha que — conforme noticiou O BRASIL EM JORNAL — naufragou quando rumava às terras do Maranhão, no norte do Brasil. Aires pereceu no naufrágio de um dos barcos ao largo da ilha de Santana, juntamente com muitos outros tripulantes.

Os três barcos tentaram retornar a Portugal, mas os ventos contrários fizeram com que arribassem aqui. Informações trazidas por um outro navio, dizem que um caravelão pertencente à mesma esquadra foi dar em S. Domingos, sendo apressado juntamente com os tripulantes.

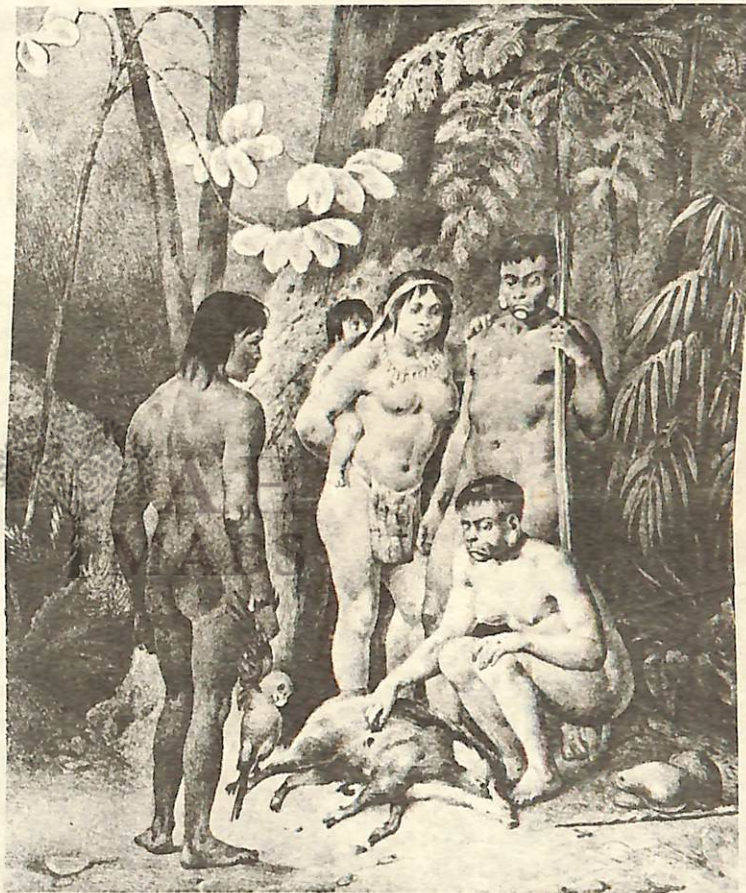
Dentre os prisioneiros estariam dois filhos do ilustre escritor português João de Barros. Segundo consta, os expedicionários chegaram a tentar a conquista do Maranhão, mas foram expulsos por ferozes índios daquelas paragens.

CAPITANIAS INEXPLORADAS

Lisboa, dezembro, 1538

Várias capitanias brasileiras doadas pelo rei D. João III permanecem até agora abandonadas e inexploradas pelos seus donatários. Estão nesse caso Itamaracá, Piauí e Santana.

Francisco Braga, inimigo fidalgo de Duarte Coelho que, em certa ocasião, o puniu cruelmente, ferrando-o no rosto, atribui o fracasso de Itamaracá à concorrência de Pernambuco (Duarte Coelho).



FAMÍLIA BRASILEIRA (BOTOCUDOS)
O Papa condenou sua escravidão. Aplausos a Sua Santidade.

bulhar Martim Afonso de Sousa, cuja mulher, sua procuradora, Da. Isabel Gamboa, cedeu ao aventureiro alguns quinhões de terras na ilha de Guaimbé.

O golpe de Gonçalo, que já não constitui segredo, se via no sentido de se apropriar definitivamente das terras cedidas, além de outras da jurisdição de Martim Afonso.

AÇÚCAR, UMA RIQUEZA

São Vicente, 1538 (Da sucursal)

Antônio de Oliveira é o novo capitão de S. Vicente, substituindo o cônego Gonçalo Monteiro, cujo triênio terminou. Oliveira foi feitor do almoxarifado real.

A situação administrativa é das melhores. Índios e colonos dão-se às maravilhas, exceção feita em algumas terras da orla marítima, onde tribos nômades atacam os portugueses.

O açúcar continua na ordem do dia. Planta-se cana em

pobre, fala-se muito em sua importância. Enérgico, apesar de tudo, tem cometido arbitrariedades tremendas desrespeitando inclusive a legislação da metrópole.

Este correspondente tem colhido os piores depoimentos populares sobre a administração de Francisco Romero, registrando o mal-estar reinante que pode causar gravíssimos acontecimentos.

GRAVE A SITUAÇÃO BAIANA

Bahia, dezembro, 1538

Desentendimentos e mal-entendidos de índios com um sacerdote estão criando uma si-

Henrique VIII viúvo pela 3.ª vez

Londres, 1537 (Do correspondente)

Sob o comando do duque de Norfolk, Thomas Howard (o mesmo que presidiu o tribunal que condenou Ana Bolena a ter a cabeça cortada), a revolta pacífica dos católicos do Norte — Peregrinação da Graça — foi dominada, tendo sido executados 3 abades e os parentes do cardeal Reginaldo Pole que se encontra na Europa a serviço do papa Paulo III.

O duque de Norfolk é o presidente do Conselho do Norte. Esse Conselho que tem como sede a cidade de York foi criado agora para fazer valer no Norte do país a autoridade real, tanto política como religiosa, com poderes idênticos à Câmara Alta.

NASCE UM HERDEIRO

Londres, 12, outubro, 1537 (Urgente) — Um filho de Henrique VIII com Jayne Seymour acaba de nascer. O fato, tão desejado pelo rei, deu margem a que tivessem lugar ruidosas manifestações no Palácio Real. Henrique VIII não esconde sua alegria apesar da mãe, de 30 anos de idade, ter encontrado enormes dificuldades no parto. Jayne passa muito mal e os médicos reais não têm grandes esperanças de salvá-la.

ESTADO GRAVE

Londres, 20, outubro, 1537 (Urgente) — Agrava-se de minuto a minuto o estado de saúde da rainha Jayne. Seu filho, o príncipezinho Eduardo, passa muito bem e se transformou no objeto principal das ocupações de seu real pai. Um boletim médico hoje distribuído anuncia que «a saúde de Sua Majestade a Rainha dificilmente poderá ser recuperada.»

MORRE JAYNE!

Londres, 24, outubro, 1537 (Urgente) — Henrique VIII está viúvo pela terceira vez: Jayne Seymour, sua terceira mulher, a primeira a lhe dar um filho homem, exalou hoje seu último suspiro em meio a atrozes sofrimentos que se estenderam desde doze dias atrás, quando deu à luz o príncipe Eduardo.

A pergunta ouvida em todos os cantos é: quem será a próxima?

Com 46 anos o rei da Inglaterra é o mesmo homem vigoroso e forte. Seu temperamento e suas emoções são de molde a se prever um novo enlace para muito breve.

CROMWELL NO AUGE

Londres, dezembro, 1538 — Os dois homens fortes da Inglaterra, Thomas Cramer e Thomas Cromwell, dominam conselhos e câmaras, uma vez que Henrique VIII nada faz sem ouvi-los. Manda a justiça que se reconheça que o Parlamento, a partir de 1536, depois de oito sessões anuais, consolidou sua liberdade de debate e opinião que tem sido em grande parte respeitada pelo rei.

Cromwell, o negociante que chegou ao poder por métodos escusos, praticamente comanda a política exterior e Cramer tem nas mãos as rédeas da nova religião, mantendo inflexivelmente a política de exterminio do poder de Roma e criando, com raízes cada vez mais fortes, a Igreja Anglicana.

Por sua ordem estão sendo distribuídas em todo o país bíblias traduzidas para o inglês (William Tyndale e Miles Coverdale) ao mesmo tempo em

que o arcebispo escreve, êle mesmo, orações diferentes das que até agora rezavam os súditos deste reinado.

Voltamos a informar que nenhuma ligação existe entre o luteranismo e o anglicanismo. Henrique, Cramer e Cromwell fazem questão de provar a sua independência religiosa, inclusive perseguindo e executando protestantes, como heréticos, enquanto os católicos fiéis a Roma são apenas considerados traidores.



JAYNE SEYMOUR

Durou pouco seu reinado. Qual será a próxima?...

DESTRUIÇÃO EM MASSA

Londres, 1538 — Imagens de santos, relíquias, estampas e tudo que representa motivo de adoração nas igrejas católicas, estão sendo destruídos pelas autoridades religiosas anglicanas. Cramer e Cromwell procuram convencer o povo que aquelas estátuas de massa não passam de grosseiros bonecos e que nada têm que mereça respeito e muito menos veneração.

Por outro lado, os bens dos mosteiros e ordens religiosas estão sendo vendidos a preços convidativos aos nobres mais chegados à Coroa e que se submetem à política de Henrique VIII. Esses nobres, por sua vez, fazem excelentes negócios, revendendo bens e terras aos burgueses. As finanças reais, comprometidas nos últimos tempos, principalmente por causa dos elevados gastos da Corte, melhoraram em muito o seu nível com o confisco dos bens católicos.

Sabe-se que o chanceler Thomas Cromwell, atualmente com 54 anos, é o principal inspirador das crueldades ultimamente praticadas por Henrique VIII. De acordo com fontes bem informadas, Cromwell seria, agora, um dos mais ricos homens da Inglaterra.

NOVA RAINHA?

Londres, 31, dezembro, 1538 — Rumores não confirmados dizem que Henrique VIII estaria disposto a contrair seu quarto matrimônio com uma princesa alemã, a conselho de Cromwell. Objetivo: selar uma aliança com os nobres protestantes alemães. Nada de concreto apuramos a respeito.

EM SOCIEDADE

Os olhos da falecida Ana Bolena levaram O BRASIL EM JORNAL a uma posição difícil com os leitores... É que em dois números emprestamos cor diferente aos belos olhos em causa. No primeiro dissemos que eles eram negros. No segundo, azuis... Este colonista foi incumbido pela direção de apurar a verdade. Uma verdade difícil agora que a cabeça em que se encontravam aqueles maravilhosos olhos, não existe mais.

Podemos, no entanto, informar com absoluta segurança que, apesar das aparências, O BRASIL EM JORNAL, por seu correspondente em Londres, não errou. De concreto só uma coisa existia nos olhos da Bolena: eles eram mesmo, maravilhosamente enfeitados. Mas a cor, esta ninguém pode dizer, hoje, se era azul ou preta.

O fato é que uns afirmam que os olhos eram azuis. Outros, que eram pretos como o azeviche...

★

Morreu Madalena, filha de Francisco I, que se casou, há sete meses (1º de janeiro de 1537), com Jacques V. Tinha apenas 17 anos e foi vitimada pela tuberculose.

Madalena conheceu seu marido de maneira que foi muito comentada na época. No fim do verão de 1536, banhava-se, vestida apenas com um salote, em companhia de algumas amigas, quando foi surpreendida pelos olhos curiosos do rei da Escócia, Jacques V.

O aliado de Francisco I ficou enfeitado pela beleza de Madalena e, embora estivesse por pedir a mão de Maria de Bourbon, filha do duque de Vendôme, mudou de pensar imediatamente.

Apresentado à princesa num baile, nesse mesmo dia, dançou com ela o resto da noite. A notícia de sua morte entristeceu toda Paris. Madalena não se deu bem com o clima de Linlithgow, na Escócia.

★

Portugueses e índias estão vivendo em comum no Brasil. São verdadeiros «casamentos» não regularizados. Em Pernambuco, o capitão Duarte Coelho afirma que essa mescla é de grande interesse da mulher índia que, assim, se livra dos pesados encargos da tribo onde quase que só elas trabalham...

Aliás, por falar em Duarte, podemos informar que seu irmão Jorge de Albuquerque está «in love» com uma indiazinha muito interessante... O capitão não confirma nem desmente a «queda» do irmão: — «Em razão do coração cada um sabe o que vai no seu...»

Comenta-se muito na corte de França o pedido, feito pelo rei Francisco I, a uma de suas favoritas, a Condessa de Chateaubriant, da devolução de rico aderço que lhe dera de presente, quebrando, assim, sua tradição de galante cavalheiro. Há quem afirme que o rei foi forçado a isso por Ana de Pisseleu, duquesa d'Etampes, pois o presente que deu à duquesa, opulento aderço de pérolas e brilhantes, era considerado inferior ao da condessa de Chateaubriant. A atitude de Francisco é tida como golpe de misericórdia dado em sua antiga favorita, hoje caída em desgraça. O sol brilha para a duquesa d'Etampes.

★

O «caso» de Miguel Angelo é o assunto do dia em Roma. O grande escultor e pintor está mesmo «in love» com Vitória Colonna. Ao que sobemos, a «Divina» — como é conhecida, merecidamente... — tem mesmo perturbado o tra-

balho do artista na Capela Sistina. As más línguas dizem ainda que ela — viúva do marquês de Pescara — apesar de inconsolável desde a morte do marquês, em 1525, além de brincar de poesia, faz do coração de Miguel Angelo gato-sapato. A idade de ambos (ela, 48; êle, 63) é motivo de certos comentários «shangays». Diz-se que o inverno se enamorou do outono e quem tem sofrido é a primavera romana. Alusão ao mau tempo, sem dúvida...

★

O delfim Henrique é considerado um dos homens mais fortes da Corte de França. Murmura-se que o espírito do herdeiro está muito aquém do físico de gigante. Este colonista que tem acompanhado o desenvolvimento do delfim, ainda tão jovem, pode afirmar que, nem por sombra, êle se compara com seu pai, de espírito tão brilhante.

★

Amor não respeita idade... O herdeiro da Coroa de França, Henrique, completa neste ano de 1538, 20 anos. Sua grande paixão, já tornada pública, a viúva do grande senescal Luís de Bresé, Diana de Poitiers, chega agora exatamente ao dobro da idade de Henrique, embora afirme não passar dos 30... E parece mesmo não passar...

★

Diana de Poitiers ainda é sucesso. Os cronistas chamam-na a mulher dos «três»: 3 coisas brancas — pele, dentes e mãos; 3 coisas negras — olhos, sobancelhas e pálpebras; 3 vermelhas — lábios, faces e unhas; 3 longas — corpo, cabelos e mãos etc. etc.

Seu segredo para manter a forma, no entanto, é simples: acordar às seis da manhã, tomar banho frio, em seguida passear a cavalo até as 8 horas. Após a cavalgada, dormir um pouco e depois lanchar e ler na cama até o meio-dia. Nada de pomadas e cosméticos.

★

Na conferência de Aguas-Mortas entre Francisco I e Carlos V, aconteceram coisas surpreendentes. Os dois inimigos deram um ao outro as mãos de seus filhos. Assim, este colonista pôde assistir à oferta de Carlos, no sentido de que seu filho Filipe se case com Margarida, filha de Francisco, enquanto o duque de Orléans casaria com a filha do Imperador ou uma de suas sobrinhas. As ofertas estarão de pé até que os dois ex-inimigos, agora amigos, voltem a se inimizar.

Entre uma guerra e outra, tudo é possível...

★

Isabel de Portugal, rainha de Espanha, está esperando pela quarta vez a visita da cegonha, visita aguardada para o mês de maio de 39. A elegante rainha — uma das mulheres mais belas da Europa — deu três filhos a Carlos V: Felipe, Maria e Juana, dos quais o primeiro é o herdeiro do trono de seu pai e já conta 12 anos.

★

A cegonha visitou pela primeira vez o lar do valente Senhor Duarte Coelho e de sua esposa, Da. Brites de Albuquerque, uma das primeiras europeias a se transportar definitivamente para o Brasil, fixando-se em Olinda, Pernambuco.

O nascimento foi condignamente comemorado, informando nosso correspondente em Pernambuco que o novo brasileirinho é muito forte e saudável, o que torna ainda mais «coruja» seu pai. Da. Brites com quem o menino se parece, passa bem.

VENEZA TEME TURQUIA

Veneza, 1538

Com o ataque dos turcos de Solimão, o Magnífico, a Corfu, os venezianos se sentiram inseguros e procuraram realizar uma aliança com o Papa e o Imperador. Essa aliança logo que concluída tomou o nome de Santa Liga e traçou planos

para liquidar o Império Otomano.

Na batalha que teve lugar em setembro, os turcos derrotaram os coligados e mantiveram o domínio do Mediterrâneo.

Podemos informar, que, agora, os venezianos se movimentam no sentido da reconciliação com os turcos.

ASSASSINADO DUQUE DE FLORENÇA

Florença, 6, janeiro, 1537 (Urgente)

A golpes de punhal foi assassinado esta madrugada, dentro de seu próprio palácio, o primeiro duque de Florença, Alexandre de Médicis que assim não sobreviveu aos seus 27 anos.

Desconhece-se o paradeiro do assassino, primo da vítima e tão jovem quanto ela, Lorenzino de Médicis.

A cidade está entregue à mais completa alegria, uma vez que Alexandre, eleito fraudulentamente por um parlamento fantoche em 4 de abril de 1532, foi dos mais completos tiranos, imoral, licencioso, cruel e despótico, devendo sua elevação ao governo de Florença ao prestígio e ao afeto que lhe dedicava seu tio, o falecido papa Clemente VII.

Desde há muito que a oposição, composta das melhores e mais respeitadas famílias florentinas, vinha trabalhando clandestinamente para derrubar o ditador. Ninguém mais gozava de segurança neste ducado. Principalmente as mulheres, perseguidas ignominiosamente por Alexandre e toda a sua corte de devassos.

O assassino era, além de primo da vítima, seu mais constante companheiro de orgias e crimes. Sabe-se — agora que a cidade respira — que êle acabou se transformando num instrumento da oposição tendo se tornado comparsa inseparável do duque para, mais facilmente, cumprir o seu objetivo.

Dentre os inúmeros assassinatos cuja autoria direta ou indireta é atribuída a Alexandre, conta-se o de seu primo-irmão, o cardeal Hipólito de Médicis, morto em fins de 1535.

NOVO CHEFE

Florença, 1538 — Embora com poderes extraordinariamente diminuídos, em relação ao primo morto, subiu ao poder Cosme de Médicis, parente mais próximo de Alexandre.

MONTMORENCY

"HOMEM FORTE"

Paris, 1538

Anne de Montmorency, marechal dos exércitos franceses e vencedor de Carlos V na conquista do Piemonte, é o novo «homem forte» da França. Ele superou todos os favoritos, principalmente seu principal adversário, o almirante Chabôt de Brien.

A espada de condestável acaba de lhe ser entregue por Francisco I que, assim, pratica mais um decisivo ato para manter a paz com Carlos V, uma vez que Montmorency garante ao rei todas as vantagens com essa aproximação.

Cláudio de Lorena, primeiro duque de Guise, por suas atitudes claramente hostis ao maior favorito da Coroa, está sendo banido para seus domínios apesar dos muitos serviços prestados a Francisco I, que não desconhece o extraordinário valor militar desse rival de Montmorency.

Terra larga e gente sôlta

Até hoje, o Brasil, quase que praticamente, só tem servido de aguada e refresco no caminho das Índias. Nêle, nem no norte, nem no sul, se tem encontrado gemas ou metais preciosos que paguem a pena de grandes esforços. Entre as tribus existentes há algumas bárbaras, o que significava para a missão evangelizadora de Portugal, infinito número de almas a salvar para Jesus Cristo.

Terra muito larga, gente muito sôlta. Sôlta e entregue à miséria, mal vivendo da caça e da pesca, cobrindo-se de penas tão sômente, e morrendo na profundeza dos matos, nos tempos de penúria.

A colonização, portanto, não nasceu nestas paragens tão-somente numa febre de ouro, como em outras. Nasceu mais dum empenho de conquista espiritual e da necessidade de defender a terra da cobiça estrangeira.

Desde os primeiros anos após o descobrimento de Pedro Alvares Cabral, os franceses pretenderam implantar-se nesta parte da América, que teria de ser definitivamente portuguesa. De Itamaracá a S. Vicente, êles enxamearam pela costa, freqüentando baías e abras, ilhas e embocaduras de rios, entendendo-se com os naturais e carregando a única riqueza até então achada, o pau-brasil.

Mal se fundaram os primeiros engenhos de açúcar, corvejaram sobre a nova produção, saqueando os estabelecimentos litorâneos. Não houve como afastá-los com o mandato de esquadras como as de Cristovão Jaques e Martim Afonso que destruíram ou apresaram os seus navios. Foi mister tomasse o rei providências de outro porte, assecuratórias da demarcação e defesa quanto possível, da terra do Brasil.

Daí a divisão em capitânias doadas a bons e leais vassallos, que, tentados por privilégios, isenções e outros foros, as quisessem povoar e desenvolver. É de esperar que alguns dêsses donatários se dediquem com pertinência e amor a essa grande empresa colonizadora. Não será de estranhar que outros, por incapacidade, omissão, ausência ou tropeços e infelicidade, não possam, como previmos, realizar obra duradoura e até pereçam vítimas de suas tentativas. Assim, se o regime instituído das donatárias não lograr aqueles benefícios que tantos esperam, certos estamos de que nos conselhos da coroa se estudarão outros meios mais pertinentes a defender a unidade e o destino do imenso território que as reais armadas descobriram e exploraram de norte a sul, além do oceano. O que não poderá continuar é gente muito sôlta em terra tão larga, para serem presas fatais de estrangeiras nações.

MÚSICA

O alaúde, instrumento musical em grande voga, foi introduzido na Europa a partir das Cruzadas. Parecido com a guitarra, diferenciava-se dela por sua forma ovalada, por seu reverso abaulado como pera, e pelo ângulo reto formado pelo braço com o suporte das cravelhas. Instrumento de grande luxo, costuma ser finamente incrustado. Tem seis cordas e o braço é dividido em trastes. Muito usado nos acompanhamentos musicais.



dos pelos artistas que os visitam, homens da mais alta musicalidade;

★

que Arnold von Brück, compositor suíço, falecido em 1534, deixou um claro muito sensível na capela da corte de Viena, onde era mestre;

★

que, em Lião, presentemente, as mças adoram o organista e compositor francês Clément de Bourges;

★

que João Aventinus, músico alemão, morreu em 1534 e ninguém falou dele; uma injustiça para o autor da «Musica rudimental».

CONSTA... que as composições de Henrique VIII, rei da Inglaterra, são motivo de orgulho de seus súditos;

★

que os ingleses são considera-

China: rainha da cerâmica



China, dezembro, 1538, (Do correspondente)

Uma arte em que os chineses são incomparáveis, a cerâmica, começa a sofrer, na China, as primeiras influências religiosas. Os símbolos da longevidade (os Oito Imortais do Taoísmo) tornam-se os temas favoritos dos ceramistas chineses.

Além das transformações provenientes da religião (ao que se diz ditadas pelo próprio imperador Kia-Tsing) o gosto artístico está revivendo estilo muito em voga há cem anos, sob o reinado de Siuan-tô: os monocromos. Destinado a ser a grande moda dos temas religiosos, o monocromo é preferentemente vermelho. Para conseguir cores mais bonitas, os ceramistas estão usando um esmalte à base de ferro, realçando ornatos dourados, de preferência o lótus estilizado. Os japoneses chamam a tais cerâmicas de «kinrande».

Este correspondente teve a oportunidade de ver alguns vasos aparecidos ultimamente. De combinação azul-branco, caracterizam-se pela tonalidade violácea do azul e o brilho das cores. Os desenhos são muito vigorosos e as cores são aplicadas em aquarela.

Um ceramista disse-nos, todavia, que os velhos motivos (flôres, dragões, fênix etc.) não desaparecerão com os novos gostos. A exportação para a Europa, segundo êle, apenas está-se iniciando e é necessário conhecer-se o gosto dos europeus para orientar a produção.

Na foto, um magnífico exemplar de cerâmica chinesa.

VOCABULÁRIO BRASILEIRO

Publicamos hoje mais um trecho de vocabulário para uso dos que viajam para o Brasil:

- Aimôbetá — Dar pousada ao caminhante
- Xeangecoaib — Afligir-se
- Xemoranguigoan — Agourento
- Çuu — Abocanhar
- Naicomarâguatui — Andar doente

- Aimôendig — Acender o fogo
- Teçâya — Alegria
- Mocâbuara — Ama
- Moanhaã — Anel
- Xepiracubor — Ter calma
- Beamogigpara — Cozinheiro
- Aipigicprô — Defender
- Ambigra — Defunto
- Aimoerâpoan — Difamar
- Nhoamotareigma — Discórdia
- Xereçaimã — Ser dissoluto

A MODA COMO ELA É

Modêlo muito em voga de «esquentamãos» é o que estampamos acima. Geralmente em forma de bola metálica, ôca, pode ser levado por uma correntinha. A bola se abre em dois hemisférios para que nela se coloquem brasas. Aberturas na superfície da bola permitem que o fogo seja permanentemente alimentado.

Ornamentos gravados ou cinzelados fazem do «esquentamãos» um objeto precioso e de luxo. Alguns costumam colocar as iniciais ou as armas de família no exterior. Negociantes de Paris



anunciam aquecedores de mão feitos de metais preciosos para o inverno do próximo ano.



TEATRO

Assistimos do local destinado à crônica especializada, a primeira representação teatral levada a efeito na cidade do México, em 1533. Deixamos nosso comentário para hoje por uma razão bastante plausível: esperávamos a repetição da experiência para aquilatar dos progressos da arte dos missionários espanhóis naquela região.

Infelizmente, ela não se repetiu, até agora.

O «Juízo Final», peça levada à cena, embora em dialeto local, agradou aos indígenas. Ao lado da peça, tivemos as belas festas florais, cerimônias rituais, cantos, danças, pantomimas, improvisos cômicos etc.

O trabalho dos artistas mexicanos pode ser considerado, dada a condição de estreatantes, ótimo. Cotação (pelo esforço de conjunto): BOM.

A propósito de teatro no México, podemos informar, com segurança, que se cogita de encenar, brevemente, o «Colôquio», de Motolinia. Vamos aguardar.

DA REDAÇÃO AO LEITOR

Comunicamos aos nossos leitores que a partir de 1º de março as assinaturas de O BRASIL EM JORNAL (24 números) passarão a custar Cr\$ 240. O preço de Cr\$ 200 — bonificação — será mantido até aquela data.

O BRASIL EM JORNAL

Propriedade da EDITORA REFORMA S/A
Rua México, 111, 5.º andar,
g. 501, tel.: 22-6807
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretário
RUBEM DE AZEVEDO LIMA
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
HILDE e ADAIL
Chefe de oficina
RAUL F. S. LOPES

Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO
Promoção
TITO S. CAVALCANTI

Número avulso... Cr\$ 10,
Aéreo... Cr\$ 12,
Assinatura Anual:
(24 números)..... Cr\$ 200,
Aérea..... Cr\$ 300,

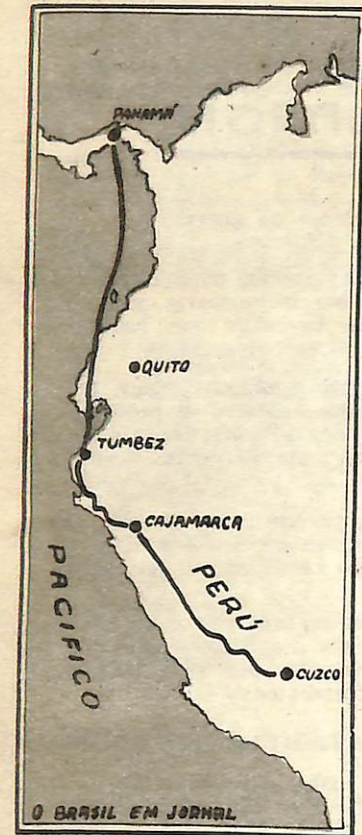
As obras de construção da biblioteca de São Marcos (Veneza), iniciadas há dois anos, estão muito atrasadas. Tivemos oportunidade de ouvir Jacó Sansovino, o escultor e arquiteto responsável pela grandiosa construção, que nos disse ter encontrado sérias dificuldades em conseguir operários especializados para as obras. Apenas algumas colunas estão colocadas, até agora, e o arquiteto não espera, tão cedo, atacar a parte superior da edificação.

* * *

O mesmo Sansovino informou-nos que está em vias de receber outra incumbência: a construção de uma «lóggetta» junto ao Campanile, em Veneza. Mas não é para já. A biblioteca absorve-o completamente, a ponto de mal ter podido esculturar.

* * *

Por falar em obras em meio, ao que soubemos, a «Porta Nova de Verona», que está sendo construída por Michele Sanmicheli, desde há três anos, está praticamente terminada. A porta central, em arco, com um ornamento esculpido, de Micheli, é uma verdadeira obra-prima.



A CONQUISTA

Eis o mapa da conquista do Peru. Do Panamá a Cuzco e Lima. (Departamento de mapas e gráficos de O BRASIL EM JORNAL)

Pizarro

estrangula Almagro

Cuzco, julho, 1538 (Do enviado especial)

Diogo de Almagro, capitão da conquista peruana, foi hoje estrangulado por ordem de seu velho companheiro e sócio, Francisco Pizarro.

A condenação e eliminação de Almagro é o primeiro capítulo trágico da luta fratricida que assola o Peru. Antes, os espanhóis combatiam os índios. Agora lutam entre si, levados pela ambição do mando e da posse da terra que conquistaram.

O processo de Almagro terminou no dia 8 deste mês e seus principais crimes são o de haver movido guerra contra a Coroa da Espanha, e de haver entrado em conspiração com Manco Inca, chefe rebelde que combate impiedosamente os espanhóis e cercou esta cidade durante meses, e o de haver deposto o governador de Cuzco, nomeado pelo rei.

LUTA FRATRICIDA

Cuzco, julho, 1538 (Do enviado especial)

A luta entre pizarristas e almagristas, que culminou com a cruel execução de Diogo de Almagro, teve origem na disputa de jurisdição sobre as cidades de Cuzco e Lima (esta recentemente fundada por Pizarro). Voltando de sua expedição ao Chile, Almagro soube do cerco que Cuzco estava sofrendo por parte do chefe índio Manco Inca, que Pizarro fizera coroar imperador e que traía os espanhóis, atacando a cidade e sitiando-a durante meses.

Procurou entrar em entendimentos com Manco que, temendo uma traição, atacou Almagro, sendo vencido. Almagro dirigiu-se então para Cuzco e fez ver ao Governador Fernando Pizarro que era legalmente o dono da cidade e seu governador por determinação real.

Não sendo atendido, tomou-a de assalto a 8 de abril do ano passado; Fernando e Gonçalo Pizarro, bem como muitos de seus oficiais, foram feitos prisioneiros.

O marquês (como chamam aqui Francisco Pizarro) estava em Lima e tratou de entrar em entendimentos com Almagro, com ele se encontrando em Mala, a 13 de novembro de 1537. A solução do caso foi entregue ao padre Francisco Bobadilha. Como resultado, ficou decidido que Almagro ficaria em Cuzco até ordem definitiva da Coroa. Fernando Pizarro seria sócio, o que foi feito pelo próprio Almagro, que cercou seu prisioneiro de toda a atenção.

Almagro acreditou no que lhe prometera Pizarro. Mas, na realidade, não o conhecia bem, apesar de tanta convivência. A palavra do marquês não foi cumprida



ALMAGRO

Estrangulado por acreditar em Pizarro

PROTESTANTES VÃO SOFRER:

Carlos V e Francisco I de mãos dadas...

Aguas-Mortas, 17, julho, 1538 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

A 18 do mês passado, Carlos V e Francisco I consolidaram em Nice uma trégua por 10 anos. Os dois soberanos se entrevistaram por intermédio de representantes. Entre eles, ficou o novo Papa Paulo III que, apesar da insistência do rei e do imperador, não se comprometeu, limitando sua ação a conseguir o estabelecimento da trégua agora consolidada e tentando obter o apoio de ambos para a cruzada contra os turcos e para uma campanha enérgica de esmagamento da Reforma, embora por meios suavizados que façam as «ovelhas negras» do catolicismo retornarem à casa de Deus.

Como noticiamos no número anterior, era esperada uma trégua, uma vez que ao mesmo tempo em que obtinha espetacular e tremenda vitória sobre Carlos V, na Provença, Francisco I via Paris ameaçada pelos exércitos imperiais na fronteira com os Países Baixos.

Esse relativo equilíbrio deu margem a que os dois grandes adversários aceitassem a mediação papal, uma vez que os recursos financeiros de ambos não permitiam manter em forma seus exércitos.

A «ENTREVISTA» DE NICE

Durante todo o primeiro semestre deste ano, diplomatas de vários países se empenharam em tirar proveito da fraqueza dos dois soberanos, tudo fazendo para que a trégua fosse assinada. Em

Aguas-Mortas, 30, julho, 1538

De tudo quanto vimos e ouvimos na entrevista de Aguas-Mortas, podemos afirmar que é certo o início da perseguição religiosa na França. A situação dos reformistas naquele país tem sido até agora mais ou menos boa, uma vez que, com raras exceções, não têm sofrido a oposição do governo real.

Áceitas as condições papais e estando, pelo menos neste momento, nas melhores e mais amigáveis relações com seu irreconciliável inimigo de ontem, Francisco I deverá abandonar a política pacifista de Du Belay, no momento mesmo em que ela se firmava.

Ao contrário do que aconteceu em Nice, a reportagem acreditada em Aguas-Mortas pôde constatar acontecimentos curiosos quando

ÓDIO, AMBIÇÃO E CRIME NA RÚSSIA

Moscou, dezembro, 1538 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Os Chouiski são acusados de ter envenenado a tsarina-mãe e regente da Rússia, Helena Glinski, princesa lituana que governava o país desde a morte de Basílio III, em 1533.

O pequeno herdeiro da Coroa, Ivan, não conta mais de 9 anos e começa a experimentar uma terrível situação representada pela luta em torno do poder, travada pelos Chouiski e pelos Bielski, além de outras famílias menos poderosas, todos se julgando com direito a governar, enquanto o pequeno tzar não completa a necessária idade.

Até agora sua mãe, a tsarina Helena, vinha mantendo a Coroa, apesar das permanentes investidas dos dois tios de Ivan. Na verdade, quem governava era o favorito da tsarina, príncipe Telepnev-Obolenski. Diante da insistência dos cunhados que queriam tomar-lhe a regência, Helena jogou-os no cárcere.

Agora que morre, supostamente envenenada pelos Chouiski, Ivan está sob o domínio dessa importante família que começou a governar o império russo.

A luta continua, uma vez que os Bielski não desistiram de suas pretensões e mantêm, ainda, excelentes posições no governo.

O pequeno Ivan, cada vez mais abandonado e só, apesar dos salamaleques e homenagens que lhe prestam os nobres nas recepções oficiais, vive mal alimentado, péssimamente vestido e tendo sob os seus olhos os mais debochados e depravantes espetáculos que se sucedem dia e noite no palácio imperial. Ninguém tem a coragem de levar a voz para reclamar melhor orientação na formação moral do menino que um dia, se não morrer vítima das ambições incontroladas dos que o cercam, será o tzar de todas as Rússias.



CARLOS V

Quanto tempo vai durar a paz?

Nice, finalmente, se chegou a uma conclusão aparentemente satisfatória, uma vez que a trégua foi assinada sob os auspícios do Papa.

MORRE DUQUE DE URBINO

Pesaro, Itália, 20, outubro, 1538

Terminando em paz uma vida agitada, morreu hoje nesta cidade Francisco Maria Della Rovere, duque de Urbino, que teve atuação destacada nas lutas européias nesta primeira metade do século XVI.

Ele foi um bom político e um valente e hábil guerreiro, tendo tomado parte em inúmeras batalhas, principalmente como comandante das tropas de Veneza, entre 23 e 25, contra os exércitos de Francisco I.

Seu grande crime foi o assassinato do cardeal Alidosi, legado do Papa em Ravena, depois de uma colérica discussão na qual o príncipe da Igreja ameaçou denunciá-lo como principal culpado pelo desastre de Ferrara, em maio de 1511.

Carlos V deu-lhe o título de duque, em 1530. Desde então viveu pacificamente nesta cidade onde agora cerra os olhos para sempre.

dos encontros entre Carlos V e Francisco I. Durante os três dias em que os soberanos permaneceram em conferência, tudo foi esquecido. O rei de França que há tão pouco tempo acusou o Imperador de haver mandado envenenar seu filho, o delfim (leia O BRASIL EM JORNAL nº 5), juntou com o «assassino» em meio a grandes demonstrações de amizade e fraternidade.

A reportagem credenciada acompanhou, ainda, Francisco I em uma prolongada e amistosa visita à galera do Imperador... Casamentos foram tratados entre um filho e uma filha do rei de França, com os filhos do imperador. Tudo num mar de rosas...

De um dos diplomatas presentes à conferência de três dias ouvimos a seguinte declaração: — «E dizer-se que ontem milhares de homens morriam na guerra entre os dois... A cada sorriso e a cada palavra de amizade trocada em meio às recepções por Francisco I e Carlos V, lembrava-me das acusações feitas com as palavras mais duras. O Imperador deixou de ser o homem de «petites insinuations» e «que quer dominar o mundo e colocá-lo sob o seu tacão»; o mandante do envenenamento do filho mais velho de Francisco I... O rei de França, por sua vez, deixou de representar a figura do «turco, mentiroso e sem palavra, inimigo da cristandade».

O SONHO ITALIANO

Mais uma vez Francisco I vê superado — provisoriamente pelo menos — o seu sonho de dominação da Itália. Ele se contenta com a Savóia e o domínio dos Alpes e concorda com as tratadas alianças matrimoniais diante da promessa de dote de Carlos V, promessa que inclui Milão, o grande objetivo do rei de França...

Inácio de Loiola apoiado pela Igreja

Roma, 18, novembro, 1538 (Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL)

O cardeal legado Benedetto Conversini, prefeito desta cidade, pôs fim, hoje, em definitivo, a toda e qualquer perseguição contra o monge Inácio de Loiola.

Procedente de Veneza, onde a reportagem o localizou em dezembro de 36, Loiola, juntamente com um pequeno grupo de companheiros, entre os quais Francisco Xavier, Diego Laynez, Afonso Salmeron, Nicola Afonso Bobadilla, Claudio Le Jay, Simão Rodrigues de Azevedo, Paschaese Broete e João Coderc d'Embrun, vem organizando a luta pela reforma dos hábitos da Igreja e se preparando para combater o protestantismo e converter os muçulmanos.

Loiola é, de fato, um homem extraordinário. Chegado a esta cidade em fins do ano passado, em companhia de Lefevre e Laynez, foi recebido com simpatia pelo Papa, Paulo III.

Logo, seus dois companheiros começaram a ensinar teologia na Universidade local, enquanto Inácio passou a pregar na Trindade dos Montes.

ENTREVISTA COM LOIOLA

Como prometemos aos nossos leitores na última edição, entrevistamos Inácio de Loiola. É ele próprio quem nos conta sua vida em rápidas palavras.

— «Meus pais eram nobres bascos. Abracei a carreira das armas muito moço e, no último combate em que tomei parte, contra Francisco I em Pamplona, fui gravemente ferido, no comando de um destacamento espanhol.

Para mim, a data em que tombei ensangüentado no campo de batalha é inesquecível: 20 de maio de 1521. Tinha, então, cerca de 30 anos.

Na minha convalescença nasceu a extraordinária fé de que estou possuído. Li e meditei bastante para compreender que era preciso dedicar-me ao serviço de Deus, abandonando o serviço dos homens. Finalmente, depois de curado e plenamente imbuído de meus deveres para com o Supremo, escrevi, com o auxílio de alguns companheiros, entre eles, Francisco Xavier, os «Exercícios Espirituais». Graças à incom-

50 ANOS DE DESCOBERTAS

1537-1487

Portugal festeja, nesta data, dois cinquentenários de acontecimentos decisivos para seus empreendimentos de ultramar: o começo da viagem de Bartolomeu Dias, em agosto de 1487, que culminou, após lances épicos, com a ultrapassagem do cabo da Boa Esperança, e, quase que simultaneamente, a expedição de Pero da Covilhã e Afonso de Paiva que chegou à Índia, pela rota de Aden, e em seguida percorreu a África oriental.

Bartolomeu e Covilhã deixaram aberto, pode-se dizer, o caminho para Vasco da Gama e hoje, 50 anos após os seus feitos, é natural que os portugueses os festejem com honras merecidas.

preensão dos homens fui perseguido e só agora posso dizer que vou sendo interpretado tal como sou.

Estudei latim em Alcalá e filosofia e escolástica em Salamanca. Tentei levar uma missão aos maometanos, mas não consegui. Em todo esse tempo não cessei de pregar e arregimentar lutadores para a causa de Deus. Sofri por isso. O próprio Santo Ofício, a Inquisição Espanhola, levou-me ao cárcere em Salamanca. Então, proibido de pregar, deixei a Espanha e rumei para a França, onde cheguei em 23.»

Loiola completou sua formação teológica na Sorbone e frequentou os Colégios Montaigu e Santa Bárbara.

UMA ORGANIZAÇÃO

— É verdade que o senhor pretende mesmo fundar uma organização religiosa?

— As notícias correm depressa. É verdade. Já a 15 de maio de 34 eu e meus companheiros reunidos na Capela de S. Dionísio em Paris, juramos cumprir um programa que é a própria base dessa organização a que o senhor se refere: conversão dos muçulmanos e a prática das virtudes monásticas. Não tendo conseguido no ano passado seguir para Jerusalém, dediquei-me inteiramente ao serviço do Papado. O cardeal Carafa muito tem feito para ajudar-me nesta luta.»

PERSEGUIÇÃO EM ROMA

— Que tem a dizer o senhor sobre o inquérito hoje terminado a seu favor?

— Nada. Não guardo nenhum rancor aos sacerdotes espanhóis que, desde março até agora, vinham movendo uma violenta campanha contra a minha pregação nesta cidade. Agradeço a Deus ter-me dado forças para resistir a mais este obstáculo e, ao mesmo tempo, imploro suas bênçãos para aqueles que — mal informados, tenho a certeza — procuraram apresentar pelo avesso a obra que tento realizar.»

Antuérpia (Anvers), 1537 (Do correspondente)

Este correspondente acaba de obter a cópia do contrato lavrado por uma das primeiras sociedades anônimas criadas no mundo, contrato que encerra cláusulas verdadeiramente interessantes e que foi firmado nesta cidade em 1535 pelos Srs. Hans Papenbruch, Anselme Odeur, Pierre Rousse, Gérard Paul e Nicolas de Marretz.

Entre as cláusulas do contrato destacamos:

1. — Cada um entrou com, respectivamente, 75, 65, 100, 40 e 20 libras de quotas e os ganhos e perdas serão divididos proporcionalmente ao capital empregado;

2. — Nenhum dos cinco se vestirá e se enfeitará mais do que o necessário, sem exageros e como costumava fazer, para demonstrar que não está ganhando dinheiro sem repartir com os outros;

3. — Papenbruch e Odeur são os chefes e têm o controle da caixa que será formada por um



ANTUÉRPIA (ANVERS)
Navios, negócios, aventuras

oitavo do capital sendo o restante empregado na compra de mercadorias. Cada quinze dias eles prestarão contas.

4. — As despesas de alimentação serão feitas pelo menor preço possível. Quem quiser comer mais e melhor pagará do seu próprio bolso, o mesmo acontecendo com quem quiser dar banquetes ou fazer despesas extraordinárias.

5. — A sociedade se encaminhará para a Espanha. Durante a viagem nenhum dos sócios poderá se meter em festas e principalmente com mulheres, pois as consequências serão pagas do próprio bolso do responsável, que será também punido por dissolução de costumes.

6. — Se, na Espanha, por informações fidedignas, apurarem que não vale a pena ir negociar no Peru, venderão as mercadorias ali mesmo, no máximo em um ano.

7. — Se forem ao Peru, qualquer um que encontrar ouro, pedras preciosas ou metais valiosos, fica obrigado a dividir com os outros, de acordo com o capital da sociedade.

8. — Se no Peru houver guerra com os infiéis, o que tomar parte e vencer conquistando valores, ficará apenas com um terço, sendo os outros dois distribuídos pelos sócios, mesmo que estes se tenham negado a tomar parte nas batalhas.

9. — Nenhum dos sócios, em hipótese alguma, pode negociar fora da sociedade com quem quer que seja e o que quer que seja.

A FEBRE DO OURO

Antuérpia, 1538 (Do correspondente) — As notícias aqui chegadas sobre riquezas e tesouros existentes no Novo Mundo, principalmente no Peru, estão causando verdadeira febre de viagens e aventuras nesta cidade. É comum ouvir-se nas ruas, principalmente na grande feira, esta expressão que já se torna popular: — «Compre sem medo. Este é um negócio do Peru!»

Diú, outubro, 1538 (Do correspondente de guerra)

Martim Afonso de Sousa, ex-governador do Brasil e agora capitão do mar na Índia, repeliu em memoráveis combates a invasão mongólica, derrotando os bárbaros que assediavam esta cidade.

Logo que os mongóis iniciaram a marcha sobre Diú, o chefe indiano Bahdur-Shah solicitou socorro e proteção ao governador e vice-rei, tendo este enviado Martim Afonso sob a condição de que este ponto-chave, uma vez salvo, ficaria sob controle português.

As tropas de Martim Afonso, grande comandante e estrategista militar, apesar da tremenda inferioridade numérica em relação aos invasores, conseguiram uma vitória estrondosa.

TRAIÇÃO INDIANA

Diú, dezembro, 1538 (Urgente) — Bahdur-Shah, sultão de Diú, logo após a retirada das forças de mar sob o comando de Martim Afonso, traiu os compromissos assumidos com a Coroa Portuguesa e lançou sobre o pequeno exército de ocupação (600 homens) comandado por Antônio da Silveira, poderosíssimas forças compostas de 25 mil janizaros e mame-lucos.

Bahdur segundo se informa, agiu em consonância com um acordo tramado no Império Otomano. Os portugueses, pegados de surpresa, rapidamente se organizaram em determinado ponto da cidade e, utilizando esplêndida e desesperada tática, conseguiram, numa proeza sem similar, desbaratar as forças indianas que lhes eram 40 vezes superiores. Antônio da Silveira consagrou-se como um grande capitão e, no

momento em que enviamos este despacho, é carregado em triunfo por seus soldados e imediatos

ATÉ MULHERES EM ARMAS

Diú, dezembro, 1538 — Falando a este correspondente o capitão Antônio da Silveira declarou: — «Devo à bravura das minhas tropas e ao exemplo sublime das mulheres, portuguesas que aqui se encontram, a vitória que consegui sobre os terríveis janizaros. Entre essas mulheres que foram de uma bravura e de uma coragem inigualáveis, inclusive empunhando armas, destaco como verdadeiras representantes do valor feminino de Portugal, Da. Ana Fernandes e Da. Isabel da Veiga.»

— O senhor conta manter Diú sob sua bandeira com tão poucas forças?

— Seria difícil. No entanto, estou aguardando reforços a todo momento. Concordo cem por cento com o ex-governador e vice-rei da Índia, Nuno da Cunha: Diú é, de fato, ponto-chave do qual Portugal, a qualquer preço, não pode se desfazer. Plantaremos aqui a bandeira lusa e ninguém conseguirá arrancá-la.»

NÃO É CRIME DEFENDER HEREJE

Roma, 31, agosto, 1537 (Do correspondente)

Sua Santidade, o Papa, assinou, hoje, importante breve a respeito da Inquisição em Portugal.

Paulo III resolveu, interpretando breve anterior que vinha sendo desvirtuado por D. João III, que os procuradores dos judeus (advogados etc.) não podem ser considerados cúmplices de heresia.

As autoridades portuguesas vinham aplicando pesadas sanções aos que emprestavam socorros aos encarcerados, bem como impediam que tais pessoas saíssem de Portugal, a fim de protestar em Roma.

Os cristãos-novos levantaram vivos clamores que alcançaram, afinal, a Santa Sé, conseguindo o breve de hoje.

Segundo o Papa, a interpretação exata do breve de 1535, contrariamente à opinião dos portugueses, que "querem ser muito atilados", é a que permite a qualquer pessoa, desde que ainda não acusada publicamente de heresia, prestar auxílio e assistência aos judeus incriminados.

O Pontífice ameaçou também, com penas de suspensão e excomunhão, os prelados, inquisidores e magistrados que, pelo fato da proteção dada aos judeus, dentro ou fora do reino, perseguirem alguém, canônica ou civilmente. Para que tal disposição seja observada, Sua Santidade recomenda a D. João III que intervenha, inclusive com sua autoridade, se necessário for.

PRÊSO NUNO DA CUNHA!

Goa, Índia, dezembro, 1538 (Do correspondente) — Desde 14 de setembro a Índia tem novo vice-rei e governador — o terceiro — Garcia de Noronha, sobrinho do grande Afonso de Albuquerque, embora, afirmam, não possua nenhuma das qualidades de seu tio.

Ele sucede a D. Nuno da Cunha que organizou a expedição de Diú, mandando Martim Afonso combater os mongóis. Foi sempre um acérrimo defensor da teoria de que aquela praça é indispensável à manutenção do domínio português na Índia.

O mais grave é que, em decorrência de intrigas urdidas por seus inimigos junto a D. João III, Nuno da Cunha foi enviado prêso para Portugal.

PORTUGUÊS VENDIDO NA AFRICA

Lisboa, dezembro, 1538 (Do correspondente)

Notícias vindas da costa oriental da África, Aden, dão-nos conta de dificuldades por que passaram alguns súditos portugueses naquela região. Certo cidadão, Fernão Mendes Pinto, que seguiu no ano passado de Lisboa para a Índia, caiu prisioneiro de uma cáfila de muçulmanos.

Ao que soubemos, Fernão Mendes Pinto teria sido vendido, após passar por extraordinárias aventuras.

PROTESTANTES AMEAÇADOS NA FRANÇA

Paris, dezembro, 1538

Com a paz de Nice, referendada na conferência de Aguas Mortas, sob os auspícios do novo Papa, Paulo III, a situação dos reformados se complicou gravemente.

Apesar de em 1536 ter Sua Santidade entregue o chapéu

cardinalício a vários membros do «Oratório do Amor Divino», organização católica moderada inspirada pelo grande Erasmo, morto naquele ano, a situação, agora, é considerada péssima, para os protestantes.

Desde 29 de maio de 36 o Papa convocou um grande Concílio que se deveria realizar em 37, mas que vem sendo adiado indefinidamente.

Por outro lado, os protestantes de tôdas as correntes continuam a não se entender, fracassando tôdas as tentativas de aproximação com Francisco I, apesar da Liga de Smalkade,

esta sim, cada vez melhor organizada militarmente para resistir as forças católicas, graças à união dos príncipes alemães.

Na Suíça — em Genebra — a Reforma foi oficialmente adotada, graças a João Calvino e a Farel. O novo Papa, respondendo às aspirações dos que o elegeram, cerca-se de elementos sequeiros de restaurar a disciplina na Igreja e levar aos sacerdotes o hábito dos estudos em geral e da teologia em particular.

É nítida a tendência erasmiana dos novos cardeais, principalmente Sadolet, Bembo, Contarini e Pole.

E se alguma dúvida restasse quanto à orientação de Paulo

III, bastaria citar que, em 36, Erasmo foi por ele convidado a colocar sobre a cabeça o chapéu cardinalício que não aceitou.

Aqui em Paris os reformados estão certos de que dentro de pouco tempo serão caçados e acuados como animais ferozes, justamente quando a adesão de Francisco I aos príncipes alemães e a ascensão do cardeal du Belay, moderado, parecia anunciar uma época de paz para os adeptos da Reforma.

NACIONALISMO NA POLÔNIA

Polônia, 1538 (Do correspondente)

Uma verdadeira revolução nacionalista se opera em toda a Polônia, no sentido de implantar definitivamente a língua polonesa em oposição ao latim e ao alemão, também usado em certas regiões e por algumas classes.

Já em 1535 o polonês tomava oficialmente o lugar do latim nos registros da cidade de Cracóvia. Um fato apurado pela reportagem bem demonstra o estado de espírito dos participantes dessa verdadeira revolução lingüística.

O castelão de Poznan, Sr. Gorka, enviou uma carta em polonês ao margrave Jean de Brandebourg. Este devolveu-a sem tocar o lacre, dizendo que não recebia cartas em outro idioma que não fosse o latim. Por acaso, o repórter se encontrava no castelo de Poznan quando a carta retornou às mãos do Sr. Gorka.

Ele teve um acesso de raiva e tomando da pena respondeu a Brandebourg, entre outras coisas, o seguinte: — «É meu direito redigir minhas cartas em latim ou polonês e ninguém, nem mesmo o senhor, nada tem a ver com isso nem pode me impedir de usar na minha correspondência a língua materna. As cartas em polonês circulam livremente no mundo inteiro e é esta a primeira vez que me fazem tal afronta devolvendo intacta uma carta minha.»

Relatamos este fato para demonstrar que os poloneses estão dispostos a oficializar a sua própria língua. Traduções da Bíblia já estão sendo feitas, assim como os atos oficiais em sua maioria são registrados em polonês.

PINTURA

Notícias vindas de Roma, neste fim de 1538 asseguram que Miguel Ângelo está muito adiantado no trabalho que realiza na Sistina: o «Juízo Final». A propósito, recorda-se, esta é a segunda vez que Miguel Ângelo trabalha naquela capela. A primeira, foi há 30 anos, como informamos na ocasião. Em declarações ao nosso correspondente em Roma, Miguel disse que espera concluir o «Juízo Final» dentro de dois ou três anos.



Um crítico francês declarou-nos, outro dia, que o que ele viu de mais visível, até hoje, em questão de pintura, são os nus de Lucas Cranach. Além disso, os tipos de mulher de Cranach (testa grande e olhos oblíquos) não agradam...

Sebastião del Piombo pintou, no ano passado, um ótimo retrato do ilustre soldado Andréa Dória. «Vernissage» agradou em cheio.

Ticiano vem de concluir, há dias, «A Apresentação da Virgem no Templo», quadro em que vinha trabalhando havia 4 anos. A técnica do quadro continua seguindo a de outros já pintados pelo mestre italiano. Muito bom.

Uma notícia triste: morreu Alberto Altdorfer, com apenas 58 anos de idade. O grande pintor alemão compôs, entre outras preciosidades, um belo «Repouso Durante a Fuga do Egito» — reproduzido nesta coluna — paisagens de seu país etc.

Foi aluno do inimitável Dürer e era também arquiteto e gravador, tendo-se distinguido pela fantasia poética de suas concepções.

MEDICINA



PARACELSO

Colmar, Alemanha do Sul, dezembro, 1538 (Do correspondente)

Estranhas predicções foram dadas a conhecer por Teofrasto Bombast, mais conhecido por Paracelso, médico, astrólogo, teólogo, místico e mágico suíço.

Paracelso, que usa a divisa: «não sejas outro se podes ser tu mesmo», adiantou, num trabalho sobre os metais, que «Deus permitirá uma descoberta da mais alta importância, que será secreta até o advento do artista Elia».

Paracelso, que previu, segundo se diz, a Reforma, teve, a propósito, atitude enigmática. Não confirmou nem desmentiu que se tratasse da modificação religiosa que previra. Seus adeptos esperam uma outra reforma.

O astrólogo, que fez seu curso de medicina na Universidade de Ferrara, viaja muito e dedica-se à observação das enfermidades nas classes populares. Conta-se que rasgou, publicamente, os escritos de Galiano, que acusou de estéril vaidade.

Para ele, Deus é o primeiro médico do homem e criador da saúde, pois o corpo não é uma coisa à parte, mas uma morada para a alma. A religião, para Paracelso, é a base da medicina, e os que não se conhecem (é uma de suas previsões) terão fim ignominioso.

O astrólogo efetua suas buscas na luz mortal das estrelas; contemplando-as, atinge o conhecimento.

Diz-se que Paracelso tem realizado curas milagrosas com seu método.

SERVET

Paris, dezembro, 1538 (Do correspondente)

O teólogo espanhol Miguel Servet, que exerce a medicina e se tem feito notar por seus ataques à Igreja Católica, a favor dos protestantes, no seu curso público de Paris, acaba de ser processado pelo Parlamento como herético, servindo de base à acusação seu recente livro «Apologética disceptatio pro astrologia».

Após longas discussões, os membros dessa casa de justiça o absolveram.

Consta que, desgostoso com o processo, Servet se retirará de Paris, procurando o repouso espiritual numa pequena cidade do sul do país.

Júlio César

O homem que estreou nas letras escrevendo violento panfleto contra os «Diálogos» de Erasmo sobre os imitadores de Cícero, Júlio César Scalliger, vem de lançar importante trabalho médico: os comentários sobre um tratado de Hipócrates («Librum de Insomniis»). A classe médica aplaudiu.

Júlio César

O homem que estreou nas letras escrevendo violento panfleto contra os «Diálogos» de Erasmo sobre os imitadores de Cícero, Júlio César Scalliger, vem de lançar importante trabalho médico: os comentários sobre um tratado de Hipócrates («Librum de Insomniis»). A classe médica aplaudiu.

Júlio César

O homem que estreou nas letras escrevendo violento panfleto contra os «Diálogos» de Erasmo sobre os imitadores de Cícero, Júlio César Scalliger, vem de lançar importante trabalho médico: os comentários sobre um tratado de Hipócrates («Librum de Insomniis»). A classe médica aplaudiu.

Júlio César

O homem que estreou nas letras escrevendo violento panfleto contra os «Diálogos» de Erasmo sobre os imitadores de Cícero, Júlio César Scalliger, vem de lançar importante trabalho médico: os comentários sobre um tratado de Hipócrates («Librum de Insomniis»). A classe médica aplaudiu.

DINAMARCA NACIONALIZA IGREJA

Copenhague, dezembro, 1538

Entra em fase definitiva a organização da Igreja Protestante dinamarquesa. Foram suprimidos os bispos, sendo entregue a chefia que eles exerciam a «superintendente».

Em todos os setores a organização marcha em passos largos, uma vez que a consolidação de Cristiano III afastou totalmente o catolicismo da Dinamarca e da própria Noruega, dominada reli-

giosa e politicamente depois do sufocamento, no ano passado, da rebelião do bispo Olaf Engelbrektson, em Trondjem.

Observadores estrangeiros, geralmente bem informados, consideram que a paz está restabelecida por muito tempo nesta região do Báltico. Segundo tudo indica, Dinamarca, Noruega e Suécia chegaram agora a encontrar, à custa de muito sangue e lutas, uma estrutura política e religiosa que permanecerá por muito tempo.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

«MENINA E MOÇA»

Lisboa, dezembro, 1538

Bernardim Ribeiro, poeta e prosador de nomeada, está, segundo declarou à reportagem de O BRASIL EM JORNAL, escrevendo novela que pretende lançar em breve.

Embora meu estado de saúde não seja bom, disse-nos, o plano da obra já está concluído e alguns capítulos prontos.

Bernardim conta-nos algumas passagens de sua novela. No preâmbulo, a Menina (personagem) narra seu encontro com uma Dona do Tempo Antigo e decide escrever o que se passou entre ambas. A Dona tem várias narrativas a fazer e começa pelo encontro de dois amigos.

Ao que vimos, a novela, ainda sem nome, mas que começa pelas 3 palavras «Menina e Moça» (que talvez lhe servirá de título), é uma mistura de narração pastoril e novela cavaleiresca. Particularmente, somos de opinião que o livro de Bernardim terá caráter acentuadamente feminista.

Fazemos votos pelo êxito desse trabalho iniciado há cerca de 4 anos.

DOLET EDITA

O escritor, tradutor e impressor francês Etienne Dolet, vem de publicar o segundo volume de sua magnífica obra «Conentários da Língua Latina», cujo primeiro tomot noticiamos em edição anterior. Sua obra supera em muito a de Robert Estienne que não passa de um excelente dicionário.

Dolet foi mais longe, grupando os nomes familiares, segundo suas origens lógicas e as idéias que eles exprimem.

Ele anuncia para breve o terceiro volume dessa verdadeira antologia da língua latina.

No prefácio do segundo volume, Dolet rende homenagem ao saudoso Erasmo, tão violentamente por ele combatido no primeiro, quando o grande pensador ainda vivia... Dolet, em 31 de dezembro de 36, quando fechávamos a última edição deste jornal, numa discussão com adversários em Lião, matou um deles, tendo de fugir para Paris e escapando a um perigoso processo, graças à proteção de Margarida de Navarra.

É ainda Etienne Dolet quem nos fornece outra nota para esta coluna: ele acaba de instalar definitivamente uma oficina de impressão, ao mesmo tempo em que, continuando seus estudos filológicos, nos comunica que iniciou a tradução das «Epístolas Familiares» de Cícero.

AINDA RABELAIS

Paris, 1538

Francisco Rabelais, de cuja obra, «Gargântua», demos notícia no número anterior, tomou parte na comitiva de Francisco I que esteve em Aguas Mortas na conferência com Carlos V.

Esse discutido e extraordinário homem — sem fé e de pouca moral — doutorou-se em medicina a 22 de maio do ano passado, em Montpellier. Lecionou alguns meses nessa Universidade e depois abandonou-a.

Os primeiros trabalhos de Rabelais foram traduções de Homero que não chegamos a ler. Apesar de formado em medicina somente no ano passado, ele já exercia a profissão desde 1532 quando clinicou em Lião.

«Meus autores preferidos são os grandes Budé, Erasmo e Thomas Morus», disse-nos o médico e escritor na palestra que com ele mantivemos depois de seu regresso de Aguas Mortas.

Um outro livro seu, sem a repercussão de «Gargântua», foi publicado em 1534 e se intitula: «A horrível vida do grande Gargântua». Nêle, Rabelais aumentou ainda mais suas liberdades de linguagem.

Em 36 o papa Paulo III perdoou o escritor por ter ele abandonado o hábito de monge.

ESCANDALO

Paris, 19, julho, 1538 (Urgente)

A Sorbone, em reunião extraordinária, vem de condenar publicamente o escandaloso livro «Carrilhão do Mundo», de autoria do escritor Bonaventure des Périers. Já o Parlamento desta cidade ordenara a suspensão da venda dessa obra, tendo em vista o seu caráter «execravelmente herético».

Périers — que pertence à casa de Margarida de Navarra — tem sofrido violenta campanha tanto de protestantes como de católicos. Sua obra ridiculariza os excessos de ambas as partes, apresentando Lutero, o Papa, Cristo e outros personagens da luta religiosa com pseudônimos que identificam imediatamente as pessoas a que se referem.

Basta uma das afirmativas contidas no livro para dar uma idéia do seu conteúdo total: — «Final de contas — diz, referindo-se às pregações e lutas religiosas — tudo não passa de palavras e os homens continuam tão miseráveis como antes.»

SUCESSO

Sucesso, mas sucesso de verdade, estão fazendo, na Inglaterra, os sonetos do jovem poeta de 21 anos, Henry Howard, conde de Surrey.

Embora inéditos, alguns sonetos de Howard são declamados em todos os cantos de Londres.

DANÇA

Paris, 1538 (Do correspondente)

Turistas espanhóis que assistiram aos bailes carnavalescos, nos informaram que não viram muita coisa nova em Paris.

Segundo disseram, bailes na Espanha são quase que coisa de «compromisso e razão de Estado». A pavana, dançada por franceses, não os impressionou muito. Preferem as danças da Itália.

Outros, que assistiram à festa do Corpus em Sevilha, não esconderam seu desapontamento.

Nessa festa, disse-nos um diplomata, até comediantes italianos entraram em função.

O de que os espanhóis mais gostaram foi o baile para convidados especiais. Damas e cavalheiros compareceram mascarados. A animação foi grande e a pavana, muito apreciada. Nela, os dançarinos imitam a volta do pavão, com o corpo curvado para baixo.

Na gravura, reconstituição de uma execução da pavana.



Cabeça de Vaca: 9 anos através da América

Lisboa, 9, agosto, 1537 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Alvar Nuñez Cabeça de Vaca acaba de regressar de uma das maiores epopéias dos últimos tempos, percorrendo durante nove anos seguidos, em meio a agruras e sofrimentos, o novo continente americano, que ele atravessou da Flórida à cidade do México.

O BRASIL EM JORNAL esteve presente à entrevista coletiva à imprensa e anotou suas principais palavras, ouvidas em meio ao silêncio e à admiração de quase uma vintena de jornalistas.

DOS 600 RESTARAM 4

Alvar tem cerca de 45 anos e seu estranho sobrenome se deve ao encontro por um dos seus antepassados de uma caveira de boi numa passagem secreta. Ele descende do conquistador das Canárias. Frio, observador e devoto, fala pausadamente, medindo as palavras.

Partimos de S. Lucas de Barrameda sob o comando de Pánfilo de Narvaez em 6 de junho de 27. Era eu o imediato da expedição composta de 600 homens, cujo objetivo era a conquista das terras entre o rio das Palmas e o cabo da Flórida. Levamos o cacique mexicano Tutlahuchetzquitzin que, para facilitar, rebatizamos como Dom Pedro. Narvaez, o comandante era o mesmo homem pouco inteligente e de nenhum saber que tentou liquidar Cortez, como O BRASIL EM JORNAL, em esplêndida reportagem, noticiou na ocasião. Seu sonho de conquistista custou-lhe a vida, e ele não chegou ao fim juntamente com outros 595 dos 600 que éramos, pois apenas 4 regresamos.

NA AMÉRICA

Já na escala em S. Domingos, à procura de viveres e cavalos, perdemos 130 homens por deserção ou morte. Finalmente, a 12 de abril de 28 chegamos à Flórida com 80 cavalos e 400 homens. Ali começou a odisséia. Eu a simbolizo num pequeno guiso de ouro encontrado numa aldeia que os índios abandonaram. Ele foi o ponto de partida para todas as ambições — sinal evidente, julgamos, de que o ouro estava à nossa espera em algum lugar...

Incursionando para o Norte assaltamos uma aldeia de índios plantadores de abóboras e milho, que nos serviram de alimento por muito tempo.

Prosseguimos a marcha sob o peso diabólico das nossas armaduras. Buscávamos o Apalache Dourado. Seis semanas depois atingimos uma cidade lacustre, cujos habitantes nos atacaram ferozmente. Morrendo como mósca, resistimos quase um mês. Foi aí que morreu o cacique Dom Pedro. Eu, embora ferido, consegui esca-



A EPOPEIA

Percurso de Cabeça de Vaca em nove anos de lutas e sofrimentos. (Dep. de Mapas e Gráficos)

par chefiando um grupo que levei em direção ao mar.

CAMISAS FAZENDO VELAS

Nossas camisas e roupas serviram de velas para os barcos rudimentares que fizemos e nos quais singramos os mares durante trinta dias, sofrendo fome e sede. Na baía em que aportamos, índios gigantescos, depois de nos darem água, caíram sobre nós matando a maior parte dos meus companheiros. Foi nessa região que descobri o maior rio que se possa imaginar, o Mississipi.

Voltamos ao mar para naufragar junto a uma ilha onde nos

abrigamos. Até mercador de conchas cheguei a ser, antes de conseguir escapar dos índios que a habitavam.

SOFRIMENTOS SOBRE SOFRIMENTOS

Cabeça de Vaca relembra episódios ora dantescos, ora cômicos, ora angustiantes da sua odisséia de 9 anos. Seus companheiros morriam ao seu lado aos punhados. Inúmeras tribos se atravessavam no seu caminho, uma das quais — relata Alvar — se embebedava permanentemente e os índios, depois, matavam-se uns aos outros. Junto a uma tribo amiga, a dos Mallacones, até curandeiro Cabeça de Vaca foi. Conduzido por um guia acabou por dar às margens do Rio Grande. Cruzando-o chegou ao México.

A cada dia éramos menos numerosos. A Providência Divina fez com que no México fôssemos tratados como filhos do Sol e nos dessem presentes.

A marcha Rio Grande acima não foi dos piores lances, apesar da fome. Já então, conseguimos uma escolta de 60 índios.

O REENCONTRO COM OS BRANCOS

Foi em março de 36 que o sol voltou a brilhar para nós. Quatro cavaleiros espanhóis armados de couraças deram conosco numa trilha de floresta! Parecia um sonho. Eles se espantaram com a nossa aparência. Eram homens de Diogo de Alcazar que atendeu aos nossos pedidos e nos mandou de volta à Europa: os 4 dos 600 que partiram...

ESTUDOU MATEMÁTICA NOS CEMITÉRIOS

Veneza, dezembro, 1538 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Nicolau Fontana, mais conhecido como "Tartaglia" provocou no ano passado vivos debates que agora se estendem por toda a Europa, enunciando uma nova lei de física. Em seu livro intitulado "Nova Ciência" ele se ocupa detalhadamente da mecânica e afirma que "a trajetória de um corpo pesado lançado no espaço é curva em todas as suas partes, mesmo na origem e no fim".

Esse enunciado contrariou tudo que até agora se sabia e se ensinava, provocando, a princípio, vivos debates, pois nem todos o aceitaram imediatamente.



«TARTAGLIA»
Campeão da matemática

Tartaglia é de origem modestíssima e sofreu muito em toda a sua infância, passada na cidade onde nasceu: Bréscia. Com 38 anos ele sofre os efeitos do assalto dos franceses àquela região em 1512. Menino ainda, teve a cabeça fraturada, juntamente com os auxiliares. Milagrosamente salvo, ficou gago. Daí nasceu seu apelido de "Tartaglia" (tartamudo).

Tem vivido tão miseravelmente que, em certas ocasiões, como não tivesse dinheiro para comprar papel, fazia seus estudos e operações matemáticas sobre os túmulos do cemitério desta cidade, onde se encontra há muito tempo.

Agora mesmo Tartaglia deu uma demonstração pública de sua capacidade de matemático, num singular torneio-desafio que valeu uma razoável soma de moedas de ouro. Ele e outro matemático, Fiore, foram colocados frente a frente na praça pública, depois de depositarem em cartório o valor da aposta.

A reportagem assistiu em meio à multidão silenciosa, ao singular torneio. Cada um formulou ao outro trinta questões, todas de equações incompletas do terceiro grau. Sob aplausos delirantes, Tartaglia venceu facilmente a competição, inclusive porque ele descobriu um novo processo para resolver equações dessa ordem.

Hoje, Tartaglia é um nome conhecido não só em Veneza, como em toda a Itália e, certamente, há de se projetar no mundo inteiro, como um grande matemático e profundo conhecedor dos problemas da mecânica.

CALVINO EXPULSO DE GENEBRA

Genebra, 27, maio, 1538 (Do correspondente)

A Assembléa Geral votou ontem uma moção ratificando decisão do Conselho, de 23 de abril, que expulsou desta cidade Calvino e Farel, líderes reformistas.

O monge João Calvino, ao qual já nos referimos em edições anteriores, saiu de Paris por ocasião do célebre «caso dos cartazes» que, de acordo com o que noticiamos na ocasião, provocou reação violenta por parte dos católicos e do governo francês. Depois esteve com Erasmo, Cop e Bucer em diversas cidades.

Em 36 um ruidoso livro do jovem pastor francês foi publicado em Basileia com uma carta aberta a Francisco I, na qual Calvino se revoltou contra os caluniadores de inocentes, solicitando ao rei, não clemência para as vítimas, mas justiça. Ele procura demonstrar que os reformistas pregam o puro Evangelho.

Esse livro, «O Instituto da Religião Cristã», alcançou muito maior repercussão no exterior que na França. Depois de uma série de peregrinações, Calvino veio ter a Genebra. Aqui, Farel, ardente reformista e grande admirador seu, fez com que ele assumisse a chefia do governo. Ao contrário de Lutero, tímido e sujeito às autoridades e ao poder dos príncipes, Calvino prega a introdução nos governos das teses reformistas.

Em 21 de maio de 36, os cidadãos de Genebra juraram «viver de acordo com os Evangelhos». Isso não agrada aos burgueses e encontra da parte deles uma resistência feroz, uma vez que, enriquecidos com os grandes negócios, se negam a aceitar uma teocracia severa e rígida.

A revolta contra Calvino e Farel começou com predicções violentas de Pierre Caroll, pastor de Lausane e agora foi coroada de êxito com a confirmação da expulsão daqueles líderes.

COLUNA MILITAR

Paris, 1537 (Do correspondente)

Está sendo muito comentado nos meios militares europeus o aparecimento, nos exércitos da França e de Flandres, de alguns esquadrões de cavalaria, compostos de mercenários alemães, que usam nova tática de combate. São os reitres (da palavra alemã reitner, que quer dizer cavaleiro).

Usam somente meia armadura, isto é, couraça com braçais bufaneiras, substituindo as grevas e caneleiras de ferro por altas botas de couro de gamo. Trazem capacetes chamados celadas à borgonhesa.

Nas marchas, precedem-nos timbaleiros e trombeiros. Atacam o inimigo com a manobra que eles próprios intitulam de caracol, carregando a trote, em coluna de pelotão. Cada pelotão, ao se aproximar da infantaria inimiga, descarrega, à queima-roupa, suas grandes pistolas, abre-se ao meio, descobrindo o pelotão que vem atrás e refluindo para a retaguarda pelos flancos deste, que faz a mesma coisa e, assim, sucessivamente. Reagrupados os pelotões na retaguarda, tornam a carregar a infantaria desfalcada, desta vez em massa, com suas grandes e cortantes espadas.

A maior originalidade desses soldados alemães é conduzir cada esquadrão um galo dentro de um cesto, o qual, com seu canto matutino, acorda o acampamento. Está se vulgarizando uma nova expressão de caráter popular — ouvir os galos dos reitres — para significar que a guerra se aproxima.

ENSINO

Paris, 1537

Desde o ano passado está funcionando com bastante êxito o primeiro asilo francês de proteção e abrigo à infância desamparada, fundado nesta cidade pelo rei Francisco I, por influência de sua irmã Margarida de Navarra. Esse «Asilo das Crianças de Deus» já ganhou o apelido de «Meninos vermelhos» por causa da cor dos uniformes adotados pela instituição.

Este correspondente tem ouvido, principalmente nos bairros pobres, os maiores elogios e as opiniões mais entusiasmadas sobre a meritória obra da Coroa francesa.

UNIVERSIDADES

Os espanhóis estão dando o primeiro grande passo para a melhoria do nível cultural americano. Foi fundada, este ano, a Universidade de Santo Tomás de Aquino, em San Domingo.

Por outro lado, informa-se, é provável que outra universidade seja instalada, próximo, na cidade do México, onde também deverá funcionar uma oficina impressora. A notícia é, portanto, das mais alvissareiras para os melos estudantis.



CABEÇA DE VACA
3.000 dias da Flórida ao México